

Através dos Arcos, Soldam-se os Elos: - Salve, Seu Zé! Salve, Malandragem! Salve, Lapa!

Through the Arches, the Links are Welded: - *Salve, Seu Zé! Salve, Malandragem! Salve, Lapa!*

Carlos Eduardo Santos Maia

Professor Titular do DEGEO/ICH/UFJF e
Permanente do PPGEIO, no IESA/UFG.
E-mail: carlmaia@uol.com.br

Resumo

Uma das entidades representativas do Rio de Janeiro, Seu Zé Pelintra, é abordado neste trabalho a partir das identidades que são constituídas entre esta entidade, a Lapa e a malandragem. O objetivo é analisar as diferentes ressignificações da “pelintragem” e da Lapa paralelamente à sacralização do “Seu Zé”, da qual derivou recentemente o movimento popular de erguimento do seu santuário. As discussões são realizadas combinando-se reflexões representacionais e não representacionais, dada a complexidade da entidade enfocada, recorrendo-se aos campos da Geografia Histórica e Cultural, da Sociologia, da Antropologia, da História e das religiosidades populares. Metodologicamente, tem-se uma pesquisa qualitativa, utilizando-se entrevistas, bibliografias e observações de diferentes modalidades realizadas no bairro da Lapa e no santuário.

Palavras-chaves: Zé Pelintra; Boêmia; Falanges de umbanda; Exu.

Abstract

One of the representative entities from Rio de Janeiro, “Seu Zé Pelintra”, is approached in this work from the identities that are constituted between this entity, Lapa, and *malandragem*. The objective is to analyze the different resignifications of the “pelintragem” and Lapa parallel to the sacralization of “Seu Zé” which recently resulted in the popular movement for the construction of its

sanctuary. The discussions are carried combining representational and non-representational reflections, given the complexity of the focused entity, using the fields of Historical and Cultural Geography, Sociology, Anthropology, History, and popular religiosities. Methodologically, there is a qualitative research using interviews, bibliographies and observations of different modalities carried out in the Lapa neighborhood and at the sanctuary.

Keywords: Zé Pelintra. Bohemian. Umbanda phalanxes. Exu.

Introdução

A respeito do moral, o pelintra reúne os mais ridículos defeitos. Mui raramente haverá pelintra, que não seja vadio, sujeito sem emprego, sem estudos, sem industria honesta, de que viva. Entre tanto apresenta-se sempre asseado, e garrido, e em qualquer meza de jogo desova patações, e meias doblas, que he hum pasmar. O botequim, o teatro, e as esquinas são o seu Portico, o seu Lycêo, a sua Academia, o seu Atheneo. Ahi he, que elle está como peixe n'agoa... (O QUE É..., 1842, p. 2.)

A epígrafe acima, de autoria atribuída ao Padre Lopes Gama, retirada do jornal O Carapuceiro, que circulou no Recife em meados do século XIX, apresenta alguns arquétipos com os quais alguém alcunhado de “pelintra” foi/é representado: vadio, desempregado, desonesto, mas vestido garbosa e exageradamente, sendo facilmente denunciado como pelintra por esses exageros nas vestimentas. Pesquisando-se em quatro dos principais dicionários on-line, Michaelis, Houaiss, Aulete e Priberam, todos consignam em suas definições estes arquétipos e complementam informando que a etimologia da palavra é desconhecida (Pelintra, 07/03/2022a; Pelintra, 07/03/2022b; Pelintra, 07/03/2022c; Pelintra, 07/03/2022d).

Parafraseando a célebre frase do filósofo Gabriel Marcel, “Uma entidade não é distinta do seu lugar, mas é o seu lugar”. Assim, a composição dos arquétipos do pelintra não está completa sem seus *loci* preferenciais: botequins, teatros (cabarés) e

esquinas, nos quais lida e faz parte do mundo da malandragem. O pelintra, nas cidades, é um personagem que risca (e se arrisca) nas ruas, ladeiras e nos becos, frequentando *bas-fond*, prostíbulos e biroskas onde sacia seus desejos por mulheres, bebidas, cigarros e jogatina. Por extensão, muitos destes arquétipos do personagem pelintra foram vinculados à entidade Zé Pelintra, que igualmente se torna um “arquétipo principal” para uma numerosa variedade de Zés Pelintras (Zé Pelintra da Lapa, Zé Pelintra do Cais, Zé Pelintra do Catimbó, Zé Pelintra do Morro, Zé Pelintra do Cabaré etc.), como nota Segato (1993).

Trato aqui sobre a maneira como a malandragem e “Seu Zé” se inseriram no cotidiano boêmio do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, materializando arquétipos, como também constituindo escapes não representacionais bastante subjetivados. Metodologicamente, recorri à revisão de literatura sobre o tema buscando não somente referências científicas (nacionais e estrangeiras), mas igualmente aquelas escritas por médiuns para entender melhor o(s) Guia(s) espiritual(is) Zé(s) Pelintra(s). Utilizei, ainda, entrevistas (quatorze entrevistas até o momento foram feitas durante a pesquisa, mas nem todas são referenciadas neste artigo) realizadas tanto on-line (através do Google Meet) como presenciais. A seleção das pessoas entrevistadas ocorreu, primeiramente, acessando-se as duas páginas do Facebook dedicadas ao santuário (<https://www.facebook.com/santuariodeseuzepelintra> e <https://www.facebook.com/santuariodozepelintra>) e contactando-se seus administradores, bem como seguidores para serem entrevistados on-line ou presencialmente, dependendo da disponibilidade e da acessibilidade. Fiz, também, entrevistas presenciais abordando aleatoriamente os frequentadores de bares na Lapa e participantes da 1ª Procissão do Zé Pelintra, realizada em 5 de março de 2022, com saída e chegada no referido santuário. Não pude relegar observações assistemáticas e sistemáticas no Santuário Zé Pelintra, seguidas ou não de conversas informais (sobre frequência, comportamento de devotos, oferendas feitas em diferentes dias da semana e horários etc.), observação participante (na 1ª Procissão de Zé Pelintra, o Nosso Santo – no dia 5 de março de 2022, com partida e chegada no santuário) e participações observantes (nos bares, botequins, boates, cabarés e ruas da Lapa).

“Seu zé, malandro da encruzilhada”¹: dos arquétipos² às transfigurações

Como mencionei na introdução, a etimologia da palavra pelintra é desconhecida, por isso, fica difícil dizer até que ponto a etimologia e o personagem tornam-se mediações na produção dos arquétipos, influenciando-se mutuamente ou não. Por outro lado, o personagem entificado como Zé Pelintra, embora sua origem e história não sejam “desconhecidas”, apresentam diferentes e conflitantes versões. Uma delas defende que Seu Zé Pelintra era natural do sertão de Pernambucano, tendo migrado para o Recife, onde “frequentava os cabarés (...), defendia as prostitutas, gostava de música, fumava cigarros de boa qualidade e apreciava a bebida” (ALKMIN, 1997, p. 21). Nesta versão, Zé Pelintra nascera:

...no povoado de Bodocó, [...] próximo à cidadezinha que leva o nome de Exu, a qual, segundo o próprio Zé Pelintra, quando se manifesta numa casa de Catimbó, foi batizada com este nome em sua homenagem, já que sua família era daquela região antes mesmo de se tornar cidade. (ALKMIN, 1997, p. 21).

Nas entrevistas e conversas informais que tive, costuma-se dizer que Zé Pelintra é muito vaidoso e esta suposta homenagem a ele no nome da cidade, na mencionada manifestação em casa de Catimbó, talvez reflita isto, pois tal sugestão não apresenta nenhum respaldo historiográfico, já que, de acordo com o IBGE, um século antes da sua existência, ou seja, “em 1734, era criada a freguesia do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Exu” (IBGE, 07/03/2022) e o nome da freguesia derivaria de uma tribo indígena, ou de uma espécie de abelhas existentes na região. Sua morte, naquela versão, teria ocorrido precocemente, aos 41 anos de idade em Recife, vitimado por “trabalho feito” por uma de suas amantes, chamada Zulmira (ALKMIN, 1997).

De acordo com outra versão, Phelintra seria um nome de família e José era descendente de classe média da família Aguiar, bastante conhecida em Recife. O patriarca, Manoel Phelintra de Aguiar, seria descendente português e a matriarca,

1Verso do Samba do GRES Acadêmicos do Grande Rio, carnaval de 2022.

2Uso aqui a definição de arquétipos em Jung (2000) como sendo os “conteúdos do inconsciente coletivo”, que possuem imagens absolutamente coletivas, universais e atemporais, em oposição àqueles conteúdos provenientes do “inconsciente pessoal”, que fundamentam a “intimidade pessoal da vida anímica”.

Balbina de Aguiar, era negra e filha de santo. Desta união teria nascido um filho “mulato” renegado pela família do marido, assim como sua mãe igualmente o era. Seguindo os passos da mãe, foi “feito no santo” aos 15 anos e vivia junto aos malandros do cais, o que fora favorecido pela morte do pai. Ao se tornar órfão também de mãe, entrou definitivamente na boêmia, em meio às prostitutas e jogatinas (carteado). “Era o rei do carteado e qualquer descuido ele tomava todo o dinheiro dos parceiros, sempre na malícia e esperteza” (ALKMIN, 1997, p. 27). Sua morte ocorreu por assassinato.

Em outra versão, retoma-se a concepção de migrante rural que se dirige à Recife, sendo esta a procedência da família de Zé Phelindra (novamente, a ideia de nome de família). Este teria devoção por Nossa Senhora do Carmo, mas fora paralelamente iniciado no Catimbó, adquirindo grande poder de magia. “Uma das coisas que Zé Phelindra conseguia através de seu conhecimento mágico era transformar-se em bananeira sempre que era perseguido por policiais” (ALKMIN, 1997, p. 28). O seu assassinato teria ocorrido em uma emboscada feita por marinheiros da zona do cais, onde era frequentador e arrumava inimizades ao defender as prostitutas.

Alkmin apresenta ainda uma versão, dando nome e sobrenome a Zé Pelindra, na qual não há referências a uma suposta família Phelindra (do Recife ou do sertão). Nesta versão, o mito refere-se a José Gomes da Silva. De família recifense e pobre, ele foi iniciado na malandragem em virtude da sua pouca vocação para o trabalho. Apesar da origem humilde, “Zé Pelindra era exigente em suas manias. Baralho, só usava uma vez. Gravata, só vermelha e de seda pura. Galinha, só comia aos domingos. Cigarros, só os de boa qualidade.” (ALKMIN, 1997, p. 30). Teria morrido em uma viagem de barco à Bahia, “no vapor Barão de Itanhaém, que afundou em costas alagoanas” (ALKMIN, 1997, p. 30).

Em todas estas versões, Zé Pelindra teria vivido em Pernambuco (sertão e/ou Recife) e nunca estivera no Rio de Janeiro, na melhor das hipóteses, teria morrido em águas alagoanas. Porém, o seu jeito malandro não deixaria nada a desejar para a reverenciada malandragem carioca da época. Suas primeiras manifestações como entidade/guia espiritual ocorreram, segundo algumas versões, na Jurema (religião do Nordeste que conjuga referências indígenas, africanas, europeias e autóctones), o que confirmaria o fato dele ter sido “Juremado”, embora fosse devoto de santos católicos.

“Se ‘Seu Zé Pelintra’ baixou inicialmente na Jurema, no Catimbó, é porque ele foi ‘juremado’, ou seja, é porque em vida ele foi iniciado nesse culto, bebeu jurema e ‘se levantou’. Na Jurema só baixam espíritos ‘juremados’...” (VIEIRA, s.d., p. 202).

Todavia, entre a multiplicidade de versões sobre a existência carnal de Zé Pelintra há aquela que defende sua naturalidade pernambucana, mas este teria migrado para o Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XX e morado na Lapa, onde mergulhou no universo da malandragem de bares e cabarés, locais perpetuados nos imaginários e *lóci* arquetípicos. Neste contexto, afirma Silva:

Como um pequeno demônio das esquinas brasileiras, cuja lenda de nascimento em Recife e o assassinato sobre a linha do trem da Leopoldina parecem perpetuar um ciclo de maldições eternas, o Zé Pelintra resiste. Seu gesto, sua roupa e seu rosto duplicam-se para dar corpo a uma sobrevivência pendular entre o mundo do trabalho assalariado e a sua negação. E enquanto houver diferenças sociais, enquanto houver a percepção fragmentária do tempo, o pelintra estará sujeito a novas metamorfoses, sem fim. (SILVA, 2007, p. 11).

A versão de que Zé Pelintra tem origem nordestina, migrou para o Rio de Janeiro, no início do século XX, e viveu na Lapa, é compartilhada pelo depoente “Danilson” (20/02/2022), 32 anos, natural e residente em Bagé, que afirma a existência de uma relação de identidade entre a malandragem carioca e Zé Pelintra, entidade a qual ele é devoto e, inclusive, tatuou sua imagem recentemente no antebraço, e manifesta o desejo de, nas férias do corrente ano (2022), vir conhecer o local onde ele viveu e também o seu santuário. Já a depoente Flávia (05/03/2022), 43 anos, natural de Campina Grande e residente no Rio de Janeiro, quando perguntada sobre o que sabe da história da entidade, comentou: “Eu sei que é um desses malandros, que vieram pro Rio, mas eu não sei maiores detalhes da história dele não”. O informante Otávio, de 47 anos, natural e residente do Rio de Janeiro, que incorpora uma entidade da falange de Zé Pelintra, adverte que Seu Zé vem para o Rio de Janeiro já como entidade e abraça o malandro carioca, a boêmia; mas teve existência carnal no Nordeste, onde ele era “juremeiro”. O entrevistado Manoel, de 68 anos, natural e residente do Rio de Janeiro, mesmo sendo morador da Lapa desde 1974, informa que leu sobre Zé Pelintra consultando no Google e que Seu Zé, Maria Navalha e Madame Satã eram os malandros da Lapa em uma época em que a palavra sinceridade valia pela própria palavra. Manoel comenta ainda que estes malandros eram pessoas que

“não entregavam mole”, sendo “queridos e odiados”. Por outro lado, os depoentes Luís, de 61 anos, natural e residente no Rio de Janeiro, e Paulo, de 40 anos, natural e residente do Rio de Janeiro, quando interpelados sobre quem foi e quem é Zé Pelintra não atribuíram a ele nenhuma origem em sua suposta existência carnal, preferindo discorrer sobre sua manifestação “falangeária” e destacando que há vários Zés Pelintras nesta falange na qualidade de espíritos de malandros do Rio de Janeiro. Para estes depoentes, Zés Pelintras, em primeira instância, são uma falange de guias que orientam e protegem.

De certo modo, falar de “Seu Zé” é tentar compor um quebra-cabeças transcendente, incompleto e fora dos limites puramente representacionais e racionais, posto que nem todas as peças se encaixam nestes patamares. Neste quebra-cabeças há muitas peças perdidas e outras que são partejadas no imaginário de devotos e descrentes, bem como de cada cavalo (pessoa que incorpora “Seu Zé”). Neste sentido, tornam-se relevantes as seguintes palavras do entrevistado Amir, 85 anos, ator e diretor de teatro, natural de Minas Gerais e residente no Rio de Janeiro: “Os homens inventam os deuses para que os deuses expliquem a eles quem são eles. Entende? Não são os deuses que inventam os homens, nós homens é que inventamos os deuses para explicar o mundo...”. Sobre a entidade “Seu Zé Pelintra”, há uma dificuldade a mais quando tentamos compreender como este se insere no mundo que criamos; pois, como destaca Augras, “Ele é uma figura proteiforme, e como todo bom malandro, não se deixa adivinhar” (1997, p. 46).

Cabe aqui realizar uma digressão, recuperando-se o rótulo categórico que esta autora confere a Zé Pelintra como “*trickster*” e que, de certo modo, é contraditório com sua proteiformidade: “É assumidamente ladrão, trapaceiro, marginal. É por isso que ele é confiável. Situa-se de imediato nos interstícios do poder institucional. Sua lei é driblar a lei” (AUGRAS, 1997, p. 47). E continua a autora:

O nosso herói é um migrante que mora em favela e vive de roubos. Desta feita, é assassinado por uma mulher ciumenta, que se julga enganada(...) Todos os testemunhos convergem para afirmar que ele levou facada ou navalhada *pelos costas*. Ou seja, no reino da malandragem, o engano é lei...

Mas ele volta como entidade da umbanda-quimbanda, para mostrar a universalidade da lei da malandragem. Tudo é trapaça, engodo, traição. (AUGRAS, 1997, p. 47).

Nas entrevistas que realizei com filhos/filhas, devotos/devotas e simpatizantes de “Seu Zé”, ninguém aludiu a esta “lei da malandragem” como trapaça e roubo, sendo mais comum compreender a malandragem como uma idiossincrasia, um certo jogo de cintura bastante flexível para vencer as dificuldades da vida; ou seja, uma maneira particular de driblar as desventuras, os desgostos, os desamores, o sistema; daí, inclusive, sua relação com a boêmia da Lapa, conforme expõe o informante Luís:

Seu Zé, para mim, é um personagem que tem essa caricatura de malandro, mas que, na umbanda, ele vem com a falange de espíritos que trabalham nessa linha e que promovem o bem... A relação do Zé Pelintra com a Lapa é o homem carioca que, nos seus desgostos amorosos, vem pra Lapa pra beber, para esquecer as dores da vida, para esquecer os problemas, e essa entidade do Zé Pelintra traz esse... como posso colocar... traz essa percepção de que as dores e os problemas do amor, do dinheiro, da dificuldade da vida podem ser superadas. (Luís, 61 anos, residente e natural do Rio de Janeiro).

A fala deste depoente vai de encontro às palavras de Sá Júnior que, de certo modo, compactuam com a imagem de “Seu Zé” como *trickster* e, mais ainda, de entidade das giras de esquerda:

Por um outro lado, os interesses daqueles que buscam essas entidades nos terreiros, como problemas amorosos, econômicos, quizilas espirituais etc., encontram nelas, baianos e Zé Pelintras, espíritos prontos à realização de trabalhos de magia ou feitiçaria, que outros congêneres, como caboclos e pretos-velhos, tidos como mais iluminados, mais à direita, do bem, se recusam a fazer. (SÁ JUNIOR, 2004, p. 16).

Na respectiva pesquisa, o que se confirma é a compreensão dos/das entrevistados/as de que “Seu Zé” é um guia proteiforme e, em sua mudança constante, percorre todos os naipes e as cartas do jogo da vida carnal e espiritual, mesmo porque, nesse jogo, ele dá as cartas; as quais se tornam uma de suas principais insígnias.

Para finalizar estes esclarecimentos sobre “Seu Zé”, cabe expor um princípio relacionado às proteiformidades nele manifestadas: sua vibração espiritual e sua incorporação como Exu. Primeiramente, destaco que Exu na umbanda abrange uma categoria de entidades e não se refere propriamente a um orixá, como ocorre no candomblé. De outro modo, no candomblé e em outras religiões derivadas da tradição

iorubá, implantadas na diáspora no Novo Mundo (como o vodoun), Exu pertence ao panteão dos orixás: “Exu era filho de Iemanjá e Orunmilá, irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi” (PRANDI, 2001, p. 45). Esta “deidade”, assim como os demais orixás, utiliza:

...como veículo o corpo dos devotos para expressar-se no mundo, partilhando com eles sua força, seu axé, sua natureza divina. O axé do Orixá, força pura, encarna-se nesta fusão, unificando a humanidade e o divino, restaurando momentaneamente a unidade cósmica perdida e reencontrada através da religião. (ROSARIO, s.d., p. 31).

Cosentino reverbera a ideia de que entidades *trickster* foram trazidas para o Novo Mundo com a diáspora, situando entre elas Eshu Elegba, acerca do qual comenta: “Pela natureza de seu ser, o *trickster* se move entre categorias, mediando através de seus truques as próprias contradições que ele encarna.”³ (COSENTINO, 1987, p. 267 – Tradução do autor). Pavlić, além de mencionar este caráter *trickster* de Exu, sinaliza sua função de mensageiro, características as quais, combinadas, conferem a Exu “o papel de (...) desafiar a capacidade das pessoas de se conectarem umas com as outras e se comunicarem com o mundo”⁴ (PAVLIĆ, 2004, p. 63 – Tradução do autor). Vê-se que tais concepções de Exu aproximam-se daquela do Zé Pelintra verbalizada por Augras. Oyèlaràn, por outro lado, critica severamente estas qualidades atribuídas a Exu, advertindo que:

Exu como ‘o enganador divino’ que não só se deleita em causar problemas, mas também serve às outras divindades, causando problemas aos seres humanos que os ofendem ou os negligenciam’ é inconsistente com seu papel no sistema como árbitro e guardião do *àse primordial* (OYÈLARÀN, 2020, p. 389 – Tradução do autor)⁵.

Este orixá, observa Toledo, é quem faz girar a engrenagem do mundo e da vida. “Sem ele, cada elemento do universo é estático, sem vida. Exu é o princípio de tudo, o princípio da criação. Ele é caos, contradição, energia sexual...” (TOLEDO, 2018, p. 2) e categorizá-lo como um *trickster* é teoricamente simplista.

³Traduzido do inglês: *By the nature of his being, trickster moves between categories, mediating through his tricks the very contradictions he embodies.*

⁴*Esu's role is to challenge peoples' ability to connect with one another and communicate with the world.*

⁵*Èsù as 'the divine trickster who not only delights in trouble-making, but also serves the other deities by causing trouble for human beings who offend or neglect them is inconsistent with his role in the system as arbiter and custodian of the primordial àse.*

Porém, na umbanda, Exu (melhor seria dizer Exus) tem outra dimensão: se na tradição iorubá, em geral, e do candomblé, particularmente, a energia de Exu no “transe ritual permite que o fiel abrace a divindade, viva a sua presença através da manifestação de um aspecto do Orixá no corpo-altar”, como “força encarnada”, “força pura”, “axé” (ROSÁRIO, s.d., p. 28); o que ocorre na umbanda é que o médium (cavalo) incorpora o espírito dos Exu-eguns que não foram originariamente deidades, mas pessoas encarnadas (TOLEDO, 2018, CARNEIRO, 2015, ALVES, 2019). Destarte, como exara Molina:

Zé Pelintra (...) é um Egum (espírito de morto), pessoa que já viveu neste Planeta, ele faz parte, portanto, da ‘Linha das Almas’, isto é, a ‘Linha dos Pretos Velhos’...

Zé Pelintra se irradia também na linha de Exu, que por sua vez, vem a ser chamado de ‘Exu Zé Pelintra’. (MOLINA, s.d., p. 13-14).

Augras (1997) adverte que Zé Pelintra é Exu ou egum em evolução vindo do catimbó, apresentando então a autora identidade entre Exu e Egum, definição idêntica àquela que obtivemos em entrevista de Mãe Jaque, 48 anos, natural e residente do Rio de Janeiro, sendo isto contestado por Carneiro (2015, p. 3): “Na umbanda carioca, sua inserção na categoria dos exus não se dá sem controvérsias. Alguns interlocutores definem o ‘Seu Zé’ como sendo um Exu ‘como outro qualquer’; outros afirmam que ele é apenas um Egum”.

Outra controvérsia existente se dá em relação à incorporação de Zé Pelintra. Obteve, em algumas entrevistas e referências bibliográficas, versões de que Zé Pelintra incorpora e outras de que o “Zé Pelintra original” não incorpora mais (VIEIRA, s.d.), sendo “cabeça de falange”, que coordena o trabalho dos demais “Zés Malandros”, versão defendida, por exemplo, pelo Otávio, 47 anos, natural e residente no Rio de Janeiro, que incorpora entidade da falange de “Seu Zé”. Ou seja, ocorrem incorporações de entidades “Zés falangeárias”, de malandros subordinadas ao “Zé Pelintra original”, dado que este se encontra em outro patamar de espiritualidade.

Há, porém, na própria umbanda quem radicalize e negue que Zé Pelintra e os malandros sejam guias, criticando a “Pelintromania” e a real existência carnal desta entidade antanho; além de colocá-lo na qualidade de Exu pagão (com imagens e imaginários associados a bebidas, cigarros, vícios, linguagem imprópria e

comportamento inconveniente; o que não seria condizente com os ideais religiosos da umbanda), ou de um espírito obsessivo, sendo seus médiuns “despreparados e espertalhões”:

Muitos médiuns atuais, com seus “Zés Pelintras” manifestam-nos com terno branco, gravata vermelha, lenço vermelho no bolso do paletó, chapéu panamá, sapato branco, cigarro na mão, sambando, gingando, libidinoso, ou seja, um típico malandro carioca (quem assim age, com certeza, não são Guias Espirituais, nem Protetores e, muito menos, Tarefairos da Umbanda, mas sim, os Exus Pagãos, ou mesmo obsessores kiumbas). (PADRINHO JURUÁ, 2013, p. 128).

Traçado este sucinto perfil de Seu Zé, passemos ao mito da malandragem e dos pelintras da Lapa.

“Deixa serenar são treze ruas pra se encantar”⁶ - dos brejos à boêmia

Grande parte do sítio englobado pelo bairro da Lapa é área resultante de drenagem e aterramento de várzeas embrejadas, além de morros arrasados; conforme indica Abreu:

O maior desses corpos d’água, conhecido no século XVI como Lagoa Grande e mais tarde como Lagoa do Boqueirão, ocupava o local onde hoje está o Passeio Público, jardim que é fruto de aterro e que só seria construído na penúltima década do século XVIII. Entre as encostas de Santa Teresa e os morros do Senado e de Santo Antônio (...) estavam a lagoa da Sentinela, da qual temos notícia até a primeira metade do século XIX e que ocupava, a grosso modo, a confluência das atuais ruas Riachuelo e Frei Caneca, e a lagoa (ou pantanal) mais tarde conhecida como “de Pedro Dias”, sobre a qual se rasgaram, no final do século XVIII, depois de outras obras de aterro, as atuais ruas do Lavradio, do Resende e dos Inválidos... (ABREU, 2010, p. 216).

Santos ratifica a configuração deste sítio de áreas embrejadas (marinhas), que foram paulatinamente aterradas, tendo como eixo a Rua da Ajuda:

Outra vereda saía da Rua da Ajuda, tomando rumo da lagoa do Boqueirão. Bifurcava-se com uma estreita estrada, que dividindo terrenos das marinhas (inclusive o da Praia das Areias de Espanha, na Lapa), finalizava na Praia de Botafogo, na qual existiam picadas que se estenderam até S. Clemente e Gávea. (SANTOS, 2013, p. 233).

⁶Verso do samba do GRES Caprichosos de Pilares, carnaval de 2014.

Segundo o próprio Santos, para sanar o embrejamento do Largo da Lapa, este foi aterrado em 1802, estendendo-se o aterramento para todo o logradouro no ano de 1885, incluindo a rua da Lapa. Note-se que tais iniciativas traduzem a necessidade de ampliação do sítio, mas também o pensamento higienista daquela época, que associava os mangues e os brejos com áreas que favoreciam o surgimento de doenças (febre amarela, por exemplo), sendo essencialmente áreas insalubres e pestilentas.

A ocupação colonial deu-se em meados do século XVIII a partir de um seminário edificado em louvor à Nossa Senhora e de uma capela do Divino Espírito Santo (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL) à beira daquelas marinhas. Em tal sítio adverso, entre a Praia das Areias de Espanha e o Morro das Mangueiras, “...nada mais havia senão um pequeno campo despovoado – e foi nele que em 1751 o padre Ângelo Siqueira Ribeiro do Prado principiou a levantar seu “seminário-e-capela” em louvor de N. S. da Lapa...” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2022).

Datam do início do século XVIII as investidas para a construção do aqueduto da carioca, os “Arcos da Lapa”, cujo projeto da “maior obra de engenharia do Brasil do século XVIII”, visando levar águas do Rio Carioca ao “Centro” antecede a isso, pois na “governança de Martim Correia de Sá (1602-1608), fora sugerida a organização de um serviço de abastecimento de água à cidade, cogitando-se o lançamento de uma finta para trazer as águas do Rio Carioca até o campo de N. S. da Ajuda” (SANTOS, 2013, p. 246). Realizou-se uma primeira canalização nos governos de Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos e Noronha (1719-25), que se degradou rapidamente em virtude dos vandalismos e da falta de conservação, sendo necessária a sua reconstrução; a qual ficou a cargo de Gomes Freire de Andrada, mediante carta régia datada de 28 de abril de 1744. O projeto, inaugurado em 1750 (e que sofreu reparos nos anos de 1774 e 1779), foi assinado por José Fernandes Pinto Alpoim, suprindo o “Centro” com águas trazidas do Rio Carioca “por uma dupla arcaria de pedra e cal, com 42 arcos” (SANTOS, 2013, p. 246).

Abaixo dos arcos, no sopé do morro de Santa Teresa, tem-se a ladeira com mesmo nome, que se constituiu como primeiro acesso ao morro e onde situa-se atualmente o Santuário Zé Pelintra, mais precisamente na esquina desta ladeira com a Rua Evaristo da Veiga. Esta ladeira, de acordo com Santos, era o “antigo caminho

para o convento de Santa Teresa, ou caminho de Santa Teresa, aberto regularmente em 1752, embora existisse desde o século anterior uma vereda que da planície se comunicava com o antigo Morro do Desterro” (SANTOS, 2013, p. 244). Já a Rua Evaristo da Veiga, que margeia os arcos, atravessa a Praça Cardeal Câmara e segue em sentido à Cinelândia, era conhecida por “caminho dos arcos da Carioca e não passava, então, em fins do século XVII, de estreita vereda, aberta em terrenos da chácara de N. S. da Ajuda para o Desterro, que se comunicava com a várzea de N. S. da Ajuda” (SANTOS, 2013, p. 242). A partir de 1742 teve a toponímia modificada para Rua dos Barbonos, por influência “dos missionários italianos, barbônios, que naquele ano ali instalaram o seu hospício, em terras de propriedade de ascendentes do conselheiro Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond” (SANTOS, 2013, p. 242); recebendo a atual denominação de Evaristo da Veiga “por ato da Câmara Municipal, de 17 de dezembro de 1870” (SANTOS, 2013, p. 243).

Faço aqui um desvio explicativo: com tal localização geográfica (mapa 1) o Santuário do Zé Pelintra situa-se, nos dias de hoje, oficialmente no Bairro de Santa Teresa, e não na Lapa, cujos limites foram definidos pela Lei nº 5.407, de 17 de maio de 2012, e apresenta a configuração cartográfica que está no mapa 2.

Art. 2º: o bairro da Lapa terá os seguintes limites:

Da esquina da Rua Riachuelo (incluída), seguindo pela Rua André Cavalcanti – até a Rua do Rezende (incluída), Rua Ubaldino do Amaral (incluída), Rua do Senado (incluída) segue até encontrar a Rua dos Inválidos (incluída), Rua Visconde do Rio Branco (excluída), Rua do Lavradio (incluída), Rua dos Arcos (incluída), Fundação Progresso (incluída), Praça Monsenhor Francisco Pinto (incluída), Avenida República do Paraguai (incluída), Rua Evaristo da Veiga (excluída), Rua das Marrecas (excluída) até a Rua do Passeio (excluída), Avenida Luís de Vasconcelos (excluída), até o eixo da Rua Mestre Valentim, vai até a esquina com a Rua Teixeira de Freitas, seguindo pela Avenida Augusto Severo (excluída) até a esquina da Rua da Lapa (incluída), Rua da Glória (excluída), Rua Conde de Lages (incluída), Rua Joaquim Silva (incluída), Rua Evaristo da Veiga (incluída) até a Praça Cardeal Câmara (antigo Largo dos Pracinhos) (incluída), seguindo pela Rua do Riachuelo (incluída) até o ponto de partida, esquina com a Rua André Cavalcanti. (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012).

Apesar destes limites oficiais recentemente estabelecidos, as referências na “geografia do mundo vívido carioca” são de que o Santuário do Zé Pelintra está na Lapa, assim como a Escadaria do Selaron (monumento e ponto turístico igualmente “fora da Lapa” pelos critérios legais), pois, dessa forma, as áreas onde estão estes dois

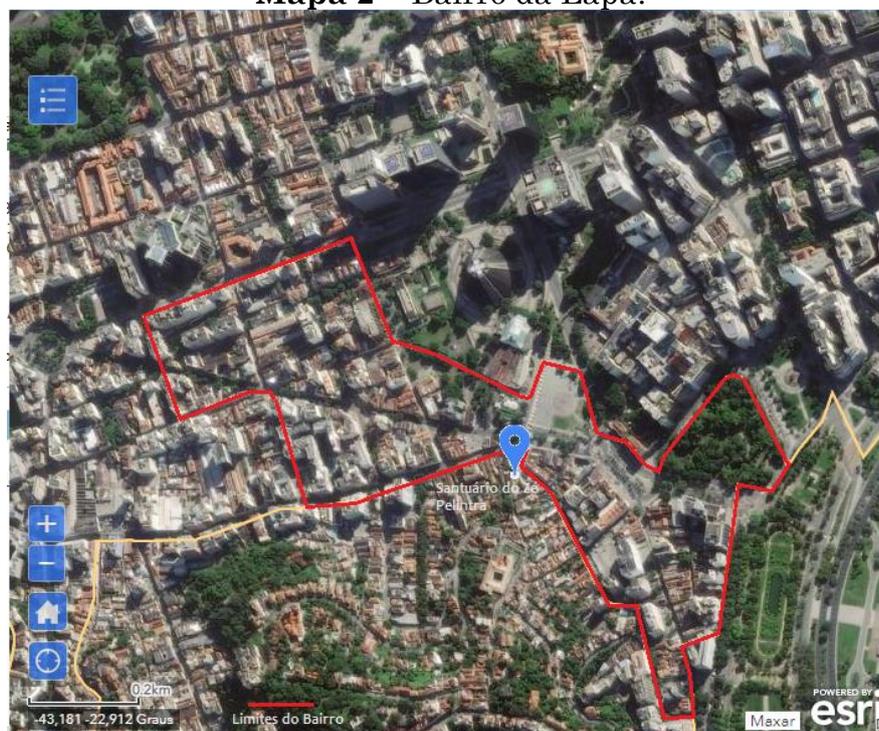
monumentos são reconhecidas cotidianamente, com implicações compreensivas derivadas da época colonial. Aliás, a única “herança” do Rio de Janeiro colonial para o mundo dos pelintras e da malandragem da Lapa, com seu *axis mundi* nos Arcos, foi dar-lhes uma referência locacional que não corresponde aos limites da atual Lapa oficializada.

Mapa 1 – Santuário do Zé Pelintra.



Fonte: Google Maps (com fotos ilustrativas e adaptação de Carlos Eduardo Santos Maia).

Mapa 2 – Bairro da Lapa.



Fonte: IPP, 2022 (adaptado por Carlos Eduardo Santos Maia).

Retornando ao “passado distante”, Santos comenta que eram tradicionais no período colonial as festas do Divino Espírito Santo no Largo da Lapa, provavelmente em virtude da existência daquela capela mencionada. O autor acrescenta ainda que, durante o vice-reinado de Luís de Vasconcelos e Sousa, na comemoração do casamento de D. João VI com D. Carlota Joaquina, ocorrido em Lisboa em 1786, o Largo da Lapa foi o ponto terminal dos desfiles de “carros de ideias, com mascarados e dançarinos, que, com o concurso do povo, percorreram várias ruas” (Santos, 2013, p. 106).

A chegada da Família Real com a Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, e uma leva de cerca de 10.000 membros da aristocracia exigiu a construção de moradias (casarões) para essa elite, expandindo a então insipiente ocupação da Lapa. Um pouco mais tarde, com a Proclamação da Independência, as elites urbanas igualmente reavivaram “o desejo de buscar novas opções de moradia longe do burburinho das ruas centrais” (DUARTE, 2014, p. 8), dirigindo-se à Lapa, que, naquela época, conforme foi dito, era composta por marinhas e brejos. De outro modo:

A despeito da proximidade com relação ao centro tradicional da cidade, até finais do [século] dezoito, a ocupação da Lapa encontrava-se bastante rarefeita. Contribuíram para isso o fato de a região apresentar terrenos sujeitos a alagamentos em função da proximidade da Lagoa do Boqueirão (aterrada em 1783 para a construção do Passeio Público) e o fato da região se encontrar cercada pelos morros do Desterro (atual bairro de Santa Teresa), Santo Antônio e Senado (DUARTE, 2014, p. 8).

A partir de meados do século XIX, apesar de ainda existirem palacetes sendo construídos pela elite, esta classe iniciará um movimento de migração rumo à Zona Sul da cidade – Catete, Flamengo e Botafogo – principalmente após a abolição (DUARTE, 2014). Destarte, os casarões unifamiliares, antes aristocráticos, transmudam para cortiços compartilhados por famílias de segmentos populares que procuravam viver mais próximas ao Centro. Já as elites, por outro lado, migraram para a Zona Sul “em busca de amenidades e distanciamento do caos que marcava a área central da cidade. Tudo isso contribuiu para uma crescente desvalorização da Lapa” (MAIA; ROCHA, 2015, p. 145). Assim, se no século XVIII formou-se o sítio da pelintragem e da malandragem com seu *axis mundi* bem marcante na paisagem urbana, no século XIX iniciou-se sua situação com a debandada da aristocracia e a vinda de trabalhadores para a Lapa. Deste modo, não é de se estranhar que esta Lapa

de ocupação residencial diversificada, com um misto de remanescentes aristocráticos, remediados e “ralé”, além do então setor de diversões existentes (bares, casas de shows, pontos de jogatina etc.), comece a florescer como berço da boêmia carioca, tendo tal imaginário se expandido no primeiro quartel do século XX.

Destarte, nas décadas de 1920 e 1930, quando, de acordo com algumas versões, seu Zé Pelintra vivera na Lapa, projetou-se tanto o estereótipo do malando exageradamente vestido; frequentador dos cabarés, como o do malandro rueiro, golpista, ladrão, cafetão, fumante e bebedor inveterado. Dois mundos paralelos com fronteiras tênues em um mesmo espaço-tempo. O primeiro, dos cabarés, era composto por locais frequentados pela elite, intelectuais e remediados ainda residentes na área central que para lá se dirigiam “elegante” e sobriamente vestidos à la *belle époque*, pois “sem paletó e gravata ninguém entrava em nenhum cabaré da Lapa” (SOUZA, 2015, p. 68). Os pelintras fizeram deste mundo o epicentro de sua exibição com excessos vestimentares: paletó e calça brancos, gravata vermelha, vários anéis pelos dedos, bigode e cavanhaque, sapatos bicolores, perfumaria pelo corpo, chapéu panamá com aba dobrada, quebrando com a sobriedade do preto e do cinza da estética “europeizada”. Para Augras, por mais que quisesse aí se inserir como aqueles outros não pares, o pelintra arquetípico daquela época:

[...] assume claras feições de pobre que não reconhece seu lugar. Veste-se com esmero, mas sua elegância é por demais chamativa. Foge ao *bon ton*. É roupa de pobre metido a rico, de marginal que se promove, de dominado que sonha igualar-se ao dominador e, pelo espalhafato, acaba proclamando, em vez de ascensão social, a irremediável sina da ralé. É pelintra mesmo (AUGRAS, 1997, p. 48).

O outro mundo era aquele das ruas, das vielas e dos prostíbulos onde o “malandro sobrevivia praticando o jogo, a prostituição, a cafetinagem, roubando, compondo sambas ou aplicando, eventualmente, algum golpe” (GREEN, 2003, p. 6), sendo a capoeira e a navalha seus instrumentos de defesa.

Vale ressaltar que o mundo do samba pode ser considerado um terceiro mundo em que essas concepções arquetípicas do malandro dialogaram e digladiaram nas composições musicais da época, conforme expõe Rocha em suas considerações sobre a imagem do malandro nos sambas de Noel e Wilson Batista. Noel Rosa, comenta o autor, “...investiu contra a representação do malandro desordeiro e valente,

sugerindo, ao contrário, que ele passasse a ser identificado, a partir de então, como rapaz folgado”. Wilson Batista, por outro lado, compunha sobre o malandro “...como um tipo desafiador, perigoso e valente, denunciando certo parentesco com os antigos capoeiras do Rio de Janeiro” (ROCHA, 2006, p. 139). De todo modo, apesar dessas divergências relativas ao “caráter” do malandro, a sua “caracterização” indumentária continuou indelével e uniforme (vez a vez com alterações na cor da gravata e do paletó), atravessando o tempo e sendo comum nas rodas e quadras de samba, como vemos na figura 1 de um show na Lapa.

Figura 1 – Foto de show de samba de “Margarete Mendes, a Negona do Axé”, com malandros em bar na Lapa.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2022).

Segundo determinados autores, como Souza (2015), Bertoly (2011) e Caruso (2015), a Lapa teve seu apogeu naqueles anos 1920-1930, quando se consagraram as concepções arquetípicas da malandragem e do “pelintra carioca”. Todavia, estes mesmos autores alegam que, naquele contexto já havia indícios de “decadência” e “degradação”, com substituição do uso imobiliário unifamiliar de casarões da elite e remediados pelo encortijamento da plebe pelintra e malandra. Esta “decadência”, advertem, será marcante a partir dos anos de 1940 e se arrastará até os anos de 1990. A meu ver, definir o processo de requalificação populacional e residencial como “degradação” e “decadência”, com substituição do uso imobiliário unifamiliar por cortiços e, paralelamente, da elite e remediados pelo povão e pela plebe pelintra e malandra é uma visão elitista e estigmatizante. Tais discursos da

“decadência”, do “declínio” e da “degradação” acabam reverberando a ideologia vigente no Estado Novo sobre a marginalidade, conforme verifica-se a seguir:

Na Lapa, a “imoralidade” da boemia foi reprimida pelo Estado varguista na década de 1940. O longo período de decadência que se seguiu foi interrompido em fins dos anos 1990 (BARTOLY, 2011, p. 2).

Após a segunda metade da década de 1950, a Lapa de outrora, aquela do início do século XX, entrou em declínio. Não só a vida boêmia, que sempre a caracterizou, mas também boa parte de sua população mais abastada, se transferiu para outras áreas da cidade (...). Muitos dos seus estabelecimentos comerciais mais antigos (principalmente aqueles associados ao lazer e ao entretenimento noturno) fecharam as portas ou, então, se transferiram para outras áreas da cidade. A paisagem boêmia do início do século XX, que ficou imortalizada nos sambas de carnaval, nos poemas, nos quadros e romances realistas, desapareceu da Lapa, juntamente com seus boêmios. (SOUZA, 2015, p. 69).

Na década de 1940 ocorre, de um lado, a renovação da perseguição à prostituição, pela polícia do Estado Novo, dessa vez, levando-a para a área do mangue; de outro, o deslocamento da zona da boemia para o bairro de Copacabana. Tais mudanças representam severos golpes para a vibrante vida noturna da Lapa, que entra em franca decadência (RODRIGUES, 2016, p. 98).

Sugiro que o afastamento da elite favoreceu um período de ressemantização das sociabilidades e socialidades, bem como das apropriações dos espaços, e não propriamente “decadência” e “degradação” que perduraram do Estado Novo aos anos de 1990. Já o problema relativo aos furtos e roubos, sujeira nas ruas, fechamento de lojas, etc., igualmente apontados como indicativos de “decadência” naquele período, continuam na Lapa de hoje, mesmo com a operação “Lapa Presente” e os sucessivos planos e projetos de reocupação, recuperação e reordenamento da área Central, e o incentivo ao turismo. Note-se que muito da visível “sujeira” nas ruas durante o dia, que contrasta com o “*glamour* da noite” (BARTOLY, 2011), é lixo jogado pelos turistas e remediados consumidores noturnos.

Ou seja, não só os casarões tornaram-se cortiços, mas outros locais, antes frequentados pelos mais abastados, com a saída destes do bairro, foram popularizados, ou se tornaram nítidos territórios de práticas cotidianas que subvertiam o “uso esperado” – o que, ratifico, não pode ser simplesmente enquadrado como “decadência”. Rodrigues, que se alia à ideia de decadência no trecho anteriormente citado, em outra passagem, exemplifica alguns aspectos desta ressemantização:

Aguinaldo Silva, romancista e ex-editor do jornal *Lampião da Esquina*, um dos marcos do movimento homossexual brasileiro, morou na Lapa durante alguns anos da década de 1960 e narrou suas memórias do bairro (...). Aguinaldo confirma o registro de Nestor de Holanda, ao elencar os travestis entre os frequentadores da Lapa naquele período: malandros, travestis, alcaguetes, policiais e boêmios, mas, entretanto, não especifica de quais tipos era formada essa boemia (RODRIGUES, 2016, p. 98).

Já Marinho apresenta suas memórias sobre um lugar icônico da Lapa: o Cabaret Casanova, estabelecimento inaugurado em 1937, que chegou a servir de palco para apresentações de artistas, como Carlos Machado e Alcione. Ali foi também onde houve a formação do Dzi Croquettes. Mesmo com esta “tradição”, o Casanova não foi capaz de sobreviver à Lapa turistificada dos anos 2000, quando encerrou suas atividades. Destarte, nas memórias de Marinho fica claro que houve uma ressemantização do *cabaret* no período costumeiramente estabelecido como de “decadência”, a partir da frequência de um tipo de público específico (*Gay*) afeito a outro tipo de espetáculo (show de transformistas), e complementa: “Mas o charme não se resumia aos shows, tudo era uma delícia, desde a cerveja geladíssima, o repertório musical pra lá de eclético e culminando na diversidade da ‘fauna’” (MARINHO, 2011).

De outro modo, por trás (ou até mesmo à frente) da definição de “bairro decadente e degradado” tem-se a ideia de sujeitos igualmente com estes atributos, por isso podem ser “postos abaixo” e “removidos” juntamente com os edifícios “obsoletos e em ruínas”, como ocorreu no Estado Novo e nas políticas subsequentes (inclusive atuais), onde tipos como Madame Satã e Zé Pelintra eram vistos como decadentes, declinantes, marginais e arruinados, tal qual a atual população em situação de rua nos dias de hoje e outrora.

Nos anos 80 foram instalados na Lapa três equipamentos culturais que atraíram o público remediado e a elite: Circo Voador (em 1982), Fundação Progresso (em 1983) e Asa Branca (em 1983). Este último empreendimento, capitaneado pelo empresário espanhol Chico Recarey, particularmente, tinha uma nítida publicidade aristocrática em seus primeiros anos de funcionamento, de modo que, em sua inauguração, estiveram presentes o Rei Juan Carlos e a Rainha Sofia da Espanha. O envolvimento do empresário com a justiça, acusado e preso por diversos crimes, como favorecimento à prostituição, sonegação fiscal e trabalhista, exploração de jogo de azar, furto de energia... (MAZZA; MARTINS, 2005) levaram à sua derrocada (e dos

seus empreendimentos) a partir dos anos 90. No início do anos 2000 este “malandro com retrato na coluna social” (BUARQUE, 2022), que recebeu a alcunha do Rei do Rio sendo, inclusive, enredo da Estação Primeira de Mangueira no ano de 1989, sai de cena e encerram-se as atividades do Asa Branca na primeira década dos anos 2000.

Entretanto, foi principalmente nos anos 90 que a Lapa recebeu maiores “investimentos por parte do Estado e da iniciativa privada e, com isso, começou a se tornar um lugar atraente tanto para a população consumidora quanto para os empresários” (SILVA, 2018, p. 108). Como parte destas medidas, em 2001, mediante à Lei nº 3.188 foi instituída “a área de proteção do ambiente cultural dos arcos da lapa” (CÂMARA MUNICIPAL, 2001). Já em 2009 publicou-se o Decreto nº 30.382, que criou o “grupo de trabalho destinado à elaboração do projeto ‘lapa legal’” (PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro, 2009). Este projeto integrou “as ações das secretarias Municipal de Ordem Pública, Conservação e Serviços Públicos, CET-Rio, Subprefeitura do Centro, Riolut e Comlurb” (SEOP, 2011). No ano de 2012, conforme já visto, foi criado o Bairro da Lapa pela Lei nº 5407. Em 2014, o Governo do Estado instituiu o programa Lapa Presente, que “realiza patrulhamento em mais de 20 ruas e áreas de grande visitação turística, bares, residências e comércio em geral e funciona de domingo a quinta-feira, das 19h às 3h, e sextas e sábados, das 21h30 até as 5h” (PROENÇA, 2021). Mais recentemente, em 2021, foi publicada a “Lei Complementar nº 229”, que instituiu o Programa Reviver Centro, que está voltado para a requalificação urbana e ambiental dos bairros do Centro e Lapa (PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro, 2021). Ainda neste mesmo ano, a Polícia Militar lançou o Corredor Turístico de Segurança, projeto do Governo Estadual sob a responsabilidade do 5º Batalhão de Polícia Militar (PROENÇA, 2021).

A atual Lapa “requalificada” atrai nos fins de semana, à noite, milhares de jovens e turistas remediados, que se aglomeram nos diversos locais de lazer que atendem os gostos musicais mais variados, de samba a rock, de sertanejo a funk, de *dance music* a *hip hop*, entre outros, contrastando bastante com a sua paisagem diurna. É neste cenário que se insere o Santuário de Seu Zé Pelintra, que se torna ponto de pedido de proteção para atravessar os arcos e entrar no mundo da malandragem.

“Malandro na roda não leva rasteira”⁷ - Tradição e fé na subida da ladeira

O Santuário do Zé Pelintra, conforme se nota na figura 2, é uma construção de alvenaria situada no início da Ladeira de Santa Teresa, em frente à coluna de sustentação existente entre o terceiro e o quarto Arco da Lapa. As pessoas entrevistadas e que conhecem a Lapa foram unânimes em afirmar que onde se encontra o Santuário é um local tradicional de devoção, sendo costumeiro o acendimento de velas; o oferecimento de cervejas, cigarros e outros agrados, além da realização de rituais coletivos direcionados a Seu Zé; porém estas mesmas pessoas complementaram dizendo que a sua construção é recente.

Na entrevista que realizei com Jeff, 45 anos, natural de Petrópolis, Presidente da instituição Santuário Zé Pelintra; e Diego Gomes, 31 anos, natural do Rio de Janeiro, Vice-presidente da instituição Santuário Zé Pelintra, fui informado que o Santuário com estrutura de alvenaria existe desde 2020 e sua construção foi financiada por devotos, pessoas em situação de rua, amigos e alguns moradores de Santa Teresa. A estrutura inicial, comentam os depoentes, começou a ser pensada após a filmagem do documentário “Salve a Malandragem”, dirigido por André Rossini, lançado em 2021, mas, segundo Jeff Duarte e Diego Gomes, com filmagens ocorridas em 2018, das quais eles participaram.

Nesse documentário, inclusive, em determinada cena no tempo decorrido de 1:12:00, o depoente Walter Ribeiro, identificado como comerciante, confirma a mesma informação das pessoas que entrevistei: o local onde está o Santuário sempre foi conhecido como o “lugar do Seu Zé”. Na última cena do filme, uma procissão de malandros deposita uma imagem de Zé Pelintra de, aproximadamente, um metro de altura no local em que está o Santuário atual (ROSSINI, 2021), a qual, segundo Diego, no ano seguinte já estava completamente vandalizada. Ressalte-se que o Santuário em alvenaria, antes mesmo de ser inaugurado, no ano de 2020, sofreu pichações em julho daquele ano, sendo novamente alvo de ataques motivados por intolerância religiosa em setembro de 2021; o que levou os organizadores do Santuário a instalarem câmeras de segurança nas esquinas da rua Evaristo da Veiga com a Ladeira de Santa Teresa.

⁷Verso do Samba do GRES Caprichosos de Pilares, carnaval de 2014.

Figura 2 – Fotos do Santuário do Zé Pelintra.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2022).

Atualmente, o Santuário compõe-se de três níveis edificados, estando no último destes níveis dois nichos, sendo que, naquele imediatamente direcionado à esquerda, no sentido de quem chega pela Rua Evaristo da Veiga, há em destaque uma imagem de, aproximadamente, 50 cm de altura de Zé Pelintra e, à direita, outra de mesma altura da entidade Maria Navalha, ambas cercadas de imagens menores destas entidades e também de Maria do Cais. Diego Gomes nos informou que Maria Navalha está mais relacionada à malandragem da Lapa; já Maria do Cais possui influências nordestinas. Estes dois nichos do respectivo Santuário estão sobre uma base feita de

alvenaria paralela a um muro de contenção de blocos de rocha em “pé de moleque”, no início da ladeira. Os nichos são pintados de branco, harmonizando com os arcos, assim como a base de alvenaria sobre a qual estão dispostos. Esta base assenta-se sobre um vão de cerca de 30 cm, existente entre uma parede rebocada frontal e aquele muro em “pé de moleque” aparente. Este vão, atualmente cimentado, é usado para depositar oferendas e acender velas, tal como ocorria à época da filmagem do mencionado documentário, mas sem que houvesse a sua cobertura por cimento. Falta, porém, uma placa informativa apresentando sua data de inauguração, responsáveis, apoios, uma pequena “hagiografia” da entidade e a distância em relação a outros pontos turísticos da Lapa de Maria Navalha, por exemplo.

Pode-se dizer que o Santuário possui três níveis estruturais. O primeiro nível, degrau da parede rebocada com o vão cimentado, serve como fundação basilar. Nesta parede havia, no mês de abril de 2022⁸, da esquerda para a direita, uma representação de pergaminho na qual estava escrito “Lapa Rio” (em preto), letreiro grafitado com a mensagem “Santuário de Seu Zé Pelintra” em vermelho, grafite do busto de Seu Zé em tinta preta, com o rosto levemente inclinado para a sua esquerda e semi-encoberto por um chapéu até a altura do nariz. Nota-se no chapéu a tradicional faixa vermelha na copa. O vermelho ainda é usado na pequena parte da gravata, que aparece no colarinho e no lenço saindo do bolso. Neste nível há outro grafite que invade próximo de Seu Zé em corpo inteiro, trajado a caráter (terno branco, sapato e chapéu bicolores, gravata e lenço vermelho no bolso) e na sua postura tradicional (rosto parcialmente curvado e encoberto por chapéu).

A partir do degrau formado neste primeiro nível por aquele vão cimentado entre a parede rebocada e o muro em “pé de moleque” inicia-se o segundo nível, que se estende até os nichos das imagens. Notei, nas diversas observações que fiz no Santuário, que há preferência em utilizar este degrau para o acendimento de velas, mas também há quem o utilize para deixar cervejas e cigarros. Porém, há quem acenda vela neste degrau e coloque a oferenda de cerveja no terceiro nível, dentro dos nichos, visando dificultar que as bebidas e os cigarros sejam retirados e consumidos pela população em situação de rua, que se dispõe sob os arcos. Não quero dizer que

⁸Até meados de março havia outra pintura, relativamente semelhante, que foi recoberta por esta descrita no artigo.

isso seja regra, mas não se pode negar que, às vezes, acontece de, assim que o/a oferendante se afaste e não tenha mais como visualizar o Santuário, algumas daquelas pessoas em situação de rua recolham a cerveja e o cigarro para consumo, pedindo a devida licença ao Seu Zé. Paralelamente, essas mesmas pessoas têm contribuído para evitar a depredação e o vandalismo no Santuário, tornando-se seus “guardiões voluntários”.

O segundo nível, especificamente, é composto pela base de alvenaria construída para sustentar o santuário e pela parede de um muro de contenção em “pé-de-moleque” (provavelmente, uma construção colonial) na sua porção pintada de branco. Nesse nível, da esquerda para a direita, tem-se um quadro grafitado com a imagem de Seu Zé e, novamente, a inscrição “Santuário de Seu Zé Pelintra”, em preto. A base deste quadro grafitado já está bastante obnubilada pela fumaça das velas que ali são acesas. Na parte deste nível, composta pela base de sustentação dos nichos do Santuário, têm-se representados Maria Navalha, o Sagrado Coração de Jesus e Zé Pelintra em terno branco (naquela imagem que se inicia no nível abaixo) e preto (pequena imagem sobre esta maior, que se inicia no primeiro nível). De acordo com Emerson Agulha, idealizador dos grafites e realizador, com o auxílio da população de rua existente nos arredores, “Maria Navalha é a versão feminina de Seu Zé. O Sagrado Coração de Jesus representa a fé cristã de Seu Zé Pelintra” (informação prestada em 30/03/2022, via WhatsApp). Interessante que tal representação de Maria Navalha como uma mulher “morena” contrasta com aquela das imagens existentes no terceiro nível, no qual ela é uma mulher preta. Finalizando as representações grafitadas neste nível, tem-se a primeira frase da oração do Pai Nosso. Aliás, esta versão da religiosidade católica de Zé Pelintra é vista em outro grafite de Emerson Agulha na parede lateral da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, situada no Largo da Lapa (figura 3).

Figura 3 – Foto do Grafite de Emerson Agulha.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2022).

O terceiro nível é constituído pelos nichos das imagens (oratório), destacando-se as de Seu Zé Pelintra e Maria Navalha. Durante os aproximadamente 60 dias que observei quase que diariamente o Santuário em dias e horários diversos (inclusive nas madrugadas, em fins de semana de participação observante na Lapa), notei a existência de um número crescente de imagens, desde 4 na primeira observação no final de janeiro, a 7 nas observações feitas em meados de março. As duas imagens maiores, uma de Zé Pelintra e outra de Maria Navalha, se destacam entre as demais dispostas ao seu redor. Fui informado pelo Jeff que estas duas imagens maiores foram obtidas por “trocas de serviços”; já as outras menores são doações espontâneas de devotos. Nas primeiras observações sistemáticas, em janeiro, percebi que as imagens ficavam dispostas em nichos diferenciados. As de entidades femininas no nicho do lado direito, no sentido de quem o visualiza da rua Evaristo da Veiga (ao lado da imagem maior de Maria Navalha, que ocupa este nicho) e as de Seu Zé, à esquerda. Já nas últimas observações, não havia tal distinção. No fundo dos nichos repetem-se os grafites de Seu Zé em cinza/preto/vermelho: um do busto e outro de meio corpo, ambos com traços cubistas. Neste nível, à frente das imagens, também costuma-se acender velas e depositar oferendas. Como mencionei, há devotos que acendem a vela no degrau do primeiro nível, mas depositam a oferenda de cigarro, petisco e cerveja no terceiro, para dificultar o acesso da população em situação de rua – o que me foi confirmado em algumas entrevistas, havendo informantes, inclusive, que disseram que acendem vela no Santuário, mas não fazem oferendas de cigarros, bebidas e petiscos ali para não serem imediatamente consumidos e ficarem um tempo à

disposição de Seu Zé. Flores vermelhas são igualmente ofertadas nos nichos, naquela tradicional referência das religiões “afro-brasileiras” de oferendas depositadas ao “pé do santo”.

Nota-se, então, que as cores predominantes no Santuário são o preto e cinza (para traçar os grafites e, como resultado da fumaça das velas), o branco (pintura de fundo e vestimenta de Seu Zé) e o vermelho (detalhes nas vestimentas e letreiros). Note-se que o branco é a cor tradicional do terno, do chapéu (com faixa vermelha na copa) e do sapato do malandro (este último bicolor, sendo uma dessas cores, o branco). O terno de linho branco S120, presente nos grafites, sugere interpretações diferentes de quem pesquisa a malandragem, podendo significar, de acordo com Rocha, desde ruptura com a sobriedade da moda europeia usada pela elite (terno preto); destreza “nos jogos de roda (capoeira, batucada, pernada, samba)”; ou, como propõe o autor “a relativização da ordem que ele insinua, em termos de liberdade e ócio” (ROCHA, 2006, p. 135). Acerca do vermelho, interpreto que consigna um diálogo simbólico da malandragem de outrora e de hoje com dois santos muito cultuados no Rio de Janeiro, nas igrejas e nos terreiros; em cujas festas e procissões esta cor se fazia e se faz presente nas vestimentas dos/das participantes: São Sebastião (padroeiro da fundação da cidade) e São Jorge/Ogum (cuja data de celebração do “patronato popular” foi instituída como feriado Estadual pela Lei nº 5198, de 05 de março de 2008). O vermelho também é uma cor que está muito relacionada a Exu nos cultos afro-brasileiros e, segundo algumas interpretações que resgatei no início do trabalho, aí estaria inscrito seu Zé Pelintra e sua falange. Todavia, em *blogs* de espiritismo, pode-se encontrar a concepção mais transcendental de que o branco no terno simboliza a paz e o vermelho, o amor.

Certos *blogs* de espiritismo e umbanda (Tenda de Umbanda, Banhos Poderosos, Sonho Astral, Umbanda Eu Curto) informam que as oferendas para Zé Pelintra podem ser depositadas em diferentes dias da semana, visto que ele é uma entidade “falangeária”, sendo mais comum, porém, na terça-feira (para quebra de demanda e problemas espirituais) e no sábado (para problemas físicos e de saúde). Nas diversas, constantes e seguidas observações assistemáticas e sistemáticas que fiz no Santuário, aproveitando algumas vezes para realizar rápida conversa informal com certos/certas depositantes de oferendas, notei duas práticas ritualísticas bem

distintas que estão mais relacionadas à dinâmica dia/noite-dias de semana/fim de semana. Percebi que as práticas ao longo do dia e da noite durante a semana (segunda a quinta-feira) são feitas com certa regularidade por pessoas que se dirigem ao Santuário para realizar acendimento de velas (majoritariamente velas brancas, mas havendo também vermelhas e bicolores – vermelha e branca), orações e depositar oferendas com certas intencionalidades relacionadas a pedidos, agradecimentos e quebra de demandas implicadas no cotidiano. Nestes dias, além da oferta tradicional de cerveja e outras bebidas, presenciei também oferta de flores (rosas vermelhas naturais ou artificiais) ao pé de Maria Navalha e padê (alimento para Exu). Já a temporalidade noturna dos fins de semana (sexta-feira e sábado) assume feições particulares, pois há uma grande quantidade de ofertas de cigarros, velas e copos de cerveja, realizadas por pessoas quando chegam às baladas da Lapa, antes de atravessar os arcos. Cheguei a contar em uma noite de sábado 38 velas acesas, já a existência de copos e cigarros não posso precisar, pois, conforme comentei, algumas pessoas em situação de rua aproveitam para consumir estas oferendas logo após elas serem depositadas. As vestimentas das pessoas que fazem estas oferendas e o direcionamento tomado após fazê-las (Ruas Mem de Sá e Riachuelo) denunciam um ritual de passagem para entrar na Lapa da Malandragem. As conversas informais indicam que a maioria dessas pessoas sequer é praticante de jurema, umbanda, quimbanda e candomblé, mas depositam sua fé em Seu Zé Pelintra para chegar e sair da Lapa sob sua proteção; o que, a meu ver, se assemelha ao ritual de réveillon em que milhões de pessoas vão às praias para oferecer flores para Iemanjá, sem praticarem igualmente essas religiões, como forma de agradecimento e pedido de proteção para o ano novo.

Considerações finais

A complexidade de falar de Seu Zé Pelintra conduziu-me por um caminho em direção oposta àquele que eu projetara antes de iniciar o trajeto da produção deste artigo. O foco principal seria o Santuário de Seu Zé Pelintra, pois este foi o objeto que me chamou atenção recentemente. Todavia, em uma autocrítica, percebi minha incapacidade de abordar de modo rigoroso o Santuário sem que eu percorresse com

mais atenção os (des)caminhos de Seu Zé Pelintra e da malandragem, tanto quanto os diversos espaços-tempos da Lapa, temas sobre os quais eu não havia, até então, pesquisado. De qualquer modo, as rápidas linhas em que abordo o Santuário neste artigo já sinalizam a riqueza de questões que para aí convergem: potencialidades turísticas; relações identitárias; implicações (e implicâncias políticas); sociabilidades, socialidades e intolerâncias etc. Oxalá, as lacunas que tive para tratar dessas questões no presente artigo possam ser preenchidas com novos levantamentos bibliográficos e documentais, entrevistas e questionário que disponibilizo on-line através de redes sociais, no *link* <https://forms.gle/iPUAkvAGzEhiF1r99>

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, vol. 2, 2010.

ALKMIN, Z. *Zé Pelintra: dono da noite, rei da magia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

ALVES, Marcos Vinícius Pinto. *A representação da entidade espiritual Zé Pelintra nos terreiros traçados*. Dissertação (mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2019. Disponível em: <https://f.hubspotusercontent30.net/hubfs/3960387/A%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20DA%20ENTIDADE%20ESPIRITUAL%20Z%C3%89%20PELINTRA%20NOS%20TERREIROS%20TRA%C3%87ADOS.pdf>. Acesso em 20 fev. 2022.

AUGRAS, Monique. Zé Pelintra, patrono da malandragem. *Revista do Patrimônio*. IPHAN: s. l., n. 25, p. 43-50, 1997.

BANHOS PODEROSOS. Disponível em: <https://banhos poderosos.info/>. Acesso em 25 fev. 2022.

BUARQUE, Chico. *Homenagem ao malandro*. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/homenagem-ao-malandro.html>. Acesso em 20 fev. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. *Lei nº 3.188 – 19 de março de 2001*. Institui a área de proteção do ambiente cultural dos arcos da Lapa. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4355360/4107477/LEI318819032001.pdf>. Acesso em 20 fev. 2022.

CARNEIRO, Janderson Bax. *A devoção a Zé Pelintra e seus “camaradas”*: malandragem e moralidades no universo umbandista carioca. 39º Encontro Anual da ANPOCS. Anais... 2015., p. 19. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt37/9796-a-devocao-a-ze-pelintra-e-seus-camaradas-malandragem-e-moralidades-no-universo-umbandista-carioca/file>. Acesso em 22 fev. 2022.

COSENTINO, Donald. Who Is That Fellow in the Many-Colored Cap? Transformations of Eshu in Old and New World Mythologies. *The Journal of American Folklore*, Vol. 100, No. 397. p. 261-275, Jul.-Sep, 1987.

DUARTE, Cristovão Fernandes. *Requalificação das áreas pericentrais no Rio de Janeiro: ameaça ou campo aberto de possibilidades?* III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Anais... 2014, 13 p. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/hm/Artigos/ST/ST-HDC-005-4-Duarte.pdf>. Acesso em 20 fev. 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Rio 450 anos – Bairros do Rio – Lapa*. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/09/rio-450-anos-bairros-rio-lapa>. Acesso em 20 fev. 2022.

GREEN, James N. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 4, p. 201-221, 2003.

IBGE. *Exu: Brasil, Pernambuco*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/exu/historico>. Acesso em 07 mar. 2022.

IPP. *Bairros Cariocas – Lapa*. Disponível em: <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=7fe1b0d463e34b3b9ca2fafd50c3df76>. Acesso em 07 mar. 2022.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAIA, Rosemere; ROCHA, Jéssica. Lapa, paraíso do prazer e do pecado: boemia, malandragem e (re)configuração socioespacial em tempos de renovação urbana. *Libertas*, v. 15, n. 2, p. 143-166, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18454>. Acesso em 07 mar. 2022.

MARINHO, Julio. *Cabaret Casanova: O fim de uma era!* Disponível em: <https://visibilidadegay.wordpress.com/2011/08/08/cabaret-casanova-o-fim-de-uma-era/>. Acesso em 07 mar. 2022.

MAZZA, Florença, MARTINS, Marco Antônio. *Rei da Noite e empresário processado*. *Jornal do Brasil*, 05/03/2005, Rio, p. A13. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/59686/complemento_1.htm?sequence=2. Acesso em 07 mar. 2022.

MOLINA, N. A. *Saravá Seu Zé Pelintra*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, s/d.

O CARAPUCEIRO. *O que é ser pelintra*. Recife, nº 6, p. 1-5, 1842.

OYÈLÁRÀN, Qlásopé O. Èṣù and ethics in the Yorùbá world view. *África: The Journal of the International African Institute*, v. 90, n. 2, p. 377-407, 2020.

PADRINHO, J. *Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade: os guias e protetores espirituais*. São Caetano do Sul, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8181271-Umbanda-a-manifestacao-do-espírito-para-a-caridade.html>. Acesso em 20 fev. 2022.

PAVLIĆ, Edward M. Papa Legba, Ouvrier Barriere Por Moi Passer: Esu in "Their Eyes" & Zora Neale Hurston's Diasporic Modernism. *African American Review*, v. 38, n. 1, p. 61-85, 2004.

PELINTRA. In: *Aulete Digital*. Lexikon. Disponível em: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em 07 mar. 2022.

PELINTRA. In: *Dicionário Houaiss*. UOL. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2. Acesso em 07 mar. 2022.

PELINTRA. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. UOL. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pelintra/>. Acesso em 07 mar. 2022.

PELINTRA. In: *Priberam Dicionário*. Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pelintra>. Acesso em 07 mar. 2022.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Decreto nº 30.382 de 2 de janeiro de 2009*. Cria o grupo de trabalho destinado à elaboração do projeto 'lapa legal'. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2009/3038/30382/decreto-n-30382-2009-cria-grupo-de-trabalho-destinado-a-elaboracao-do-projeto-lapa-legal>. Acesso em 20 fev. 2022.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Lei Complementar nº 229 de 14/07/2021*. Institui o Programa Reviver Centro... Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=417313#:~:text=Institui%20o%20Programa%20Reviver%20Centro,autoriza%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20opera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Lei nº 5407, de 17 de maio de 2012*. Cria o Bairro da Lapa, pela subdivisão do Bairro de Fátima e do Centro, área da AP 1, II região administrativa. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/lei-ordinaria/2012/540/5407/lei-ordinaria-n-5407-2012-cria-o-bairro-da-lapa-pela-subdivisao-do-bairro-de-fatima-e-do-centro-area-da-ap-1-ii-regiao-administrativa>. Acesso em: 07 mar. 2022.

ROCHA, Gilmar. *Navalha não corta seda: estética e performance no vestuário do malandro*. Tempo, Niterói, v. 10, n. 20, p. 121-142, jan. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042006000-00007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2022.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Artes de acontecer: viados e travestis na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX a 1980*. Revista Esboços, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 90 -116, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p90/32472>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. *O Conceito de Orixá*. Ítaca, n. 25, p. 20-34, s. d. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/download/1407/1231>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ROSSINI, Sérgio. *Salve a Malandragem*. Encripta/YouTube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rUtbSghWDTI>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. Baianos e Malandros: a sacralização do humano no panteão umbandista do século XX. *Fronteiras: Revista de História*. Campo Grande, MS, 8(15): 9-29, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/13488>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SANTOS, Luís Gonçalves dos. *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/539477/001113368.pdf?sequence=7>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SEOP. *Ações de ordenamento implantadas pela Seop*. 29/04/2011. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/seop/exibeconteudo?id=1740821>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SEGATO, Rita Laura. La religiosidad candomblé el la tradición Afro-Brasileña. *Perfiles latino-americanos*. 2 (1993): 133-164. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/115/11500206.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA, Guilherme Sarmiento da. Tipologias Brasileiras: O Pelintra. *Revista Escrita*, v. 2007, n. 8, p. 1-11, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9896/9896.PDF>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SONHO ASTRAL. Disponível em: <https://sonhoastral.com/>. Acesso em 25 fev. 2022.

SOUZA, Andre Felix de. Lapa: da Sociabilidade na Cidade para a Sociabilidade da Cidade. *Espaço Aberto*, v. 5, n. 2, p. 61-78, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2524/3836>. Acesso em 20 fev. 2022.

TENDA DE UMBANDA PAI OGUM E DR. ZÉ PELINTRA. Disponível em: <http://paiogumdrzepelintra.blogspot.com/>. Acesso em 25 fev. 2022.

TOLEDO, Gabriela Paiva de. *Afro-Brazilian Eshu: survival and adaptation of an African god in visual representations in Brazil*. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38292892/Afro_Brazilian_Eshu_Survival_and_adaptation_of_an_African_god_in_visual_representations_in_Brazil. Acesso em: 20 fev. 2022.

UMBANDA EU CURTO. Disponível em: <https://umbandaeucurto.com/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIEIRA, Lurdes de Campos. *Os Líderes Espirituais da Umbanda e seus Atendimentos*. S. 1, s. d. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nsxxx8c>. Acesso em: 20 fev. 2022.

Entrevistas:

“AMIR”. Depoimento. Entrevistadora: Rosemere Santos Maia (seguindo o roteiro elaborado por Carlos Eduardo Santos Maia). Entrevista presencial com equipamento digital. 05/03/2022.

“DANILSON”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista on-line (Google Meet). 20/02/2022.

“DIEGO”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista presencial com equipamento digital. 14/03/2022.

“FLAVIA”. Depoimento. Entrevistadora: Rosemere Santos Maia (seguindo o roteiro elaborado por Carlos Eduardo Santos Maia). Entrevista presencial com equipamento digital. 05/03/2022

“JEFF”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista presencial com equipamento digital. 14/03/2022.

“MÃE JAQUE”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista presencial com equipamento digital. 18/02/2022.

“MANOEL”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista presencial com equipamento digital. 18/02/2022.

“OTÁVIO”. Depoimento. Entrevistador: Carlos Eduardo Santos Maia. Entrevista on-line (Google Meet). 01/03/2022.

“PAULO”. Depoimento. Entrevistadora: Rosemere Santos Maia (seguindo o roteiro elaborado por Carlos Eduardo Santos Maia). Entrevista presencial com equipamento digital. 05/03/2022.

Recebido em: 23 dez. 2021.

Aceito em: 20 jul. 2022.

COMO REFERENCIAR

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Através dos Arcos, Soldam-se os Elos: - Salve, Seu Zé! Salve, Malandragem! Salve, Lapa! *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 1, p. 104-135, 2022.